

## BEAGLES OU NAO-BEAGLES, EIS A QUESTAO!

Escutei uma entrevista, na rádio CBN, com o presidente da organização dos ativistas que invadiram, no mês de outubro passado, o laboratório do Instituto Royal, em São Roque (SP), e fiquei impressionado com a falta de sustentação lógica na argumentação do mesmo. Argumentou ele que os cães beagles estavam lá contra a vontade dos mesmos e assim não estava sendo respeitados os interesses e os direitos desses animais. Fiquei me perguntado: Será que os milhões de animais que são abatidos nos frigoríficos diariamente no Brasil e pelo mundo estão lá por vontade própria? Será que ao abatê-los estamos respeitando os interesses e os direitos desses animais? Acabei respondendo para mim que: 1) Tenho a certeza que os animais levados para os abatedouros não foram para lá de livre e espontânea vontade. E, também afirmo que os cavalos usados pelo Instituto Butantan, em São Paulo, para fabricar o soro antiofídico, não estão lá por vontade deles. 2) O interesse supremo dos animais, assim como de toda a matéria viva, é o de se manter vivos. 3) Os animais não têm direitos. Alguém já os viu fazendo passeatas e lutando pelos seus direitos? Os supostos direitos que eles têm foram outorgados pelos homens e se essa afirmação não for verdadeira, então iniciemos um processo para colocar na cadeia todos criadores de animais para abate e todos os donos de frigoríficos do país.

Reputo outra argumentação que tenho ouvido, que os animais usados nos testes laboratoriais são submetidos a atrocidades e servem somente para gerar lucros para os laboratórios de fármacos e cosméticos, como argumento inválido. Pois, a maior atrocidade para uma matéria viva é a morte e, olhando do ponto de vista econômico, os animais para abate também serve para gerar grandes lucros para os criadores e donos dos frigoríficos. Poderiam argumentar que os animais de abate servem para manutenção da vida das pessoas e os de laboratórios são usados para testes de remédios e cosméticos para o deleite das pessoas. Mas, comer, além de manter a vida, também causa deleite nas pessoas.

O único argumento válido nesse caso seria que os animais poderiam ser substituídos ou por chips capazes de reproduzir as funções de órgãos humanos, ou células tronco sem perder o grau de aproximação da pesquisa que, no caso da medicina pode variar de 50 a 98%. Ou seja, um erro admissível de 2 a 50%. Isso

também incentivaria o desenvolvimento de tecnologias para substituírem tais animais. Embora os ativistas não saibam ou não queiram, mas Marx já ensinava em 1848, que as manifestações contra os aparatos industriais sempre ajudam o empresariado. Visto que, obriga a melhorar a tecnologia para fazer a coisa mais barata, sendo que no curto prazo os empresários empatam no lucro, mas ganharão no longo prazo. Lembrando ainda que o manejo dos animais de laboratório, como a sua manutenção e reprodução também tem custos elevadíssimos.

Embora as ações dos ativistas possam parecer puramente emocionais ou de ingenuidade desmedida, não as interpretei assim. Também não as vejo como retrógradas ou de vandalismo. Nem como o ressurgimento do pensamento de Rousseau, que criticava o progresso da ciência e da civilização, enaltecendo a natureza do “bom selvagem”. Mas, vejo-as como um grande ganho social, no sentido de que a sociedade tomou conhecimento de tais testes e agora pode debatê-los com mais clareza e pertinência.

Penso que para iniciar um debate cabe perguntar: É ético usar animais para pesquisas e testes em laboratório? Para responder essa questão temos dois caminhos. Pois, nesse campo ético existem duas correntes que se defrontam. Uma comumente chamada de “ética ecocêntrica”, a qual denomino de “ética pancêntrica<sup>1</sup>” e a outra é chamada de “ética antropocêntrica<sup>2</sup>”. A ética ecocêntrica, cuja matriz é a moral hinduísta ou a dos índios americanos (vide carta do cacique Seattle, da tribo Suquamish, ao presidente dos Estados Unidos Francis Pierce, datada de 1855), na qual, além do homem, também os animais, plantas e a terra são considerados sagrados. Portanto, privilegia o todo e considera o homem apenas como uma parte desse todo. Já, a ética antropocêntrica se sustenta no mito cosmogônico judaico-cristão. No Gênese judaico-cristão, o mito adâmico afirma que Deus criou o homem e disse que o mesmo deveria se sobrepor a tudo o que vive e se move na terra. Assim, o homem estaria colocado em um patamar acima dos demais habitantes da terra. Como a ética da sociedade brasileira é sustentada pela moral judaico-cristão, a tendência da maioria das pessoas é seguir a ética antropocêntrica. Portanto, seguindo-se o antropocentrismo de certa forma seria ético o uso de animais para

---

<sup>1</sup> “Pan”, em grego, quer dizer todo. Ou seja, pancêntrica quer dizer o todo é o centro.

<sup>2</sup> “Antropos”, em grego, quer dizer homem. Ou seja, antropocêntrica quer dizer o homem é o centro.

pesquisas e testes em laboratório. Porém, pela ética ecocêntrica, tal uso sofre - senão total - fortes restrições.

Embora não se possa negar o fato de que sem a manipulação de plantas e animais, o homem não teria chegado onde chegou, mas, dado à globalização comercial, não se pode ignorar, nem desprezar a ética ecocêntrica. Por isso penso que devemos buscar um justo-meio peripatético<sup>3</sup>, ou seja, um antropocentrismo moderado no qual o homem assuma profundas obrigações com a natureza. Para isso, ele deve descer do seu patamar e se assumir como parte integrante da natureza. Assumindo isso, deve lutar para que meios alternativos sejam buscados na substituição dos animais nas pesquisas e testes laboratoriais. Pois, o homem é tido como racional e por isso possui dignidade moral e fim em si mesmos; os animais possuem dignidade ética na vida sensitiva, visto que procuram o prazer e fogem da dor e as plantas possuem dignidade em sua vida vegetativa. Porém, ao destruí-los ameaçamos a sobrevivência do homem na terra. Sobre isso vide entrevista à Revista Cristo Rei postada neste site.

Curitiba, novembro de 2013.

---

<sup>3</sup> Peripatético = Aristotélico.